

AGREGADO

A PESAR de ser territorialmente grande e despovoado, o Brasil não possui uma área importante de terras pertencentes ao domínio público. A maior parte das terras encontra-se nas mãos de um certo número de grandes proprietários, a maioria dos quais constituída de fazendeiros.

Dada a desmedida enormidade territorial, os domínios fazendeiros são muitas vezes forçados a viverem isoladamente, dispersos pelo vasto interior do país. Como no Brasil há sempre falta de braços, a preocupação primária dos fazendeiros consiste, então, em conservar bastante gente em volta de si com o propósito final de assegurar um auxílio certo, inestimável, à manutenção e desenvolvimento de seu pequeno mundo. Para isso, e mediante certas combinações, procuram cercar-se de elementos das classes sociais mais baixas, os quais, sem obrigação de pagamento de locação, passam a ocupar as terras e a trabalhar na fazenda. Dessa maneira, o fazendeiro torna-se uma personagem dominante. Em sua área territorial determina toda uma série de ocupações. Além disso, imprime até o regime de trabalho a ser seguido por todos. A exploração da fazenda fica assim assegurada, mantendo-se em estreita associação os gêneros de vida que caracterizam os diferentes grupos de seus trabalhadores. Na fazenda, porém, nenhum desses elementos exerce outra função que não seja a de trabalhar no processo da produção.

A personagem típica que, assim, gravita em torno das fazendas, quer de lavoura quer de criação, é justamente o agregado. O termo foi usado antigamente para designar uma das personagens dependentes do fazendeiro, mas de condição distinta da dos escravos. Era um homem livre. Nos tempos passados, com efeito, a classe dos agregados se diferenciava da classe dos escravos não somente pela sua origem étnica, mas também pela sua situação social. Vivia fora dos limites da casa residencial do proprietário e possuía condição econômica distinta da dos escravos. Como acentuou OLIVEIRA VIANA, os agregados eram uma espécie de colonos livres, diferentes, todavia, dos colonos propriamente ditos. Os agregados vicentistas, por exemplo, não eram nem pequenos proprietários como os colonos alemães de Santa Catarina, nem trabalhadores assalariados ou parceiros como os colonos italianos das fazendas paulistas. Eram, sim, moradores ou foreiros que habitavam "fora do perímetro das senzalas, em pequenos lotes aforados, em tôscas choupanas, circundantes ao casario senhorial, que, do alto da sua colina, os centraliza e domina." Da terra extraíam o bastante para levarem uma vida sóbria. Caçavam, coletavam frutos e plantavam apenas alguns cereais. Na opinião de OLIVEIRA VIANA representavam "o tipo do pequeno produtor consumidor vegetando ao lado do grande produtor fazendeiro".

Em contraste com o termo camarada, que significa trabalhador assalariado, vivendo ou não, no local da fazenda, o termo agregado é empregado, hoje, para designar o trabalhador residente em terras de uma fazenda ou engenho mediante condições variáveis de um para outro estabelecimento. Na aparência, são ocupantes, a título gratuito, da propriedade alheia.

Presentemente, o agregado é uma personagem típica em grandes áreas de Mato Grosso, Goiás, Bahia. Também o é em todos os Estados situados ao norte dos primeiros. Cumpre ressaltar, entretanto, que em muitos Estados, como sucede em Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e mesmo em certos trechos de São Paulo, aquele tipo humano ainda existe, embora sem conservar diversas das características coloniais primitivas. Por outro lado, conforme advertiu T. LYNN SMITH, em relação ao norte do país, "é preciso não errar pensando que semelhantes famílias de agregados, e ainda as pessoas não agregadas de um comparável nível social, sejam apenas encontradas no interior distante".

As relações entre o agregado e o proprietário não são muito claras. Em princípio, tais relações consistem numa troca de serviços. O agregado recebe a terra para trabalhar e, em troca da ocupação, a título gratuito, da propriedade alheia, dedica, por exemplo, alguns dias de trabalho remunerado ao proprietário. Usualmente, o agregado recebe a permissão de fazer pequenas lavouras de subsistência bem como a de criar algumas aves domésticas e a de ter alguns porcos para cevar. Às vezes, pode ter um cavalo ou uma bêsta para seu uso particular, ou criar, mesmo, um certo número de reses. Em troca, o agregado dá ao proprietário uma parte de sua produção conforme o acôrdo pré-estabelecido com o mesmo. Desta ou daquela maneira, o fato é que o agregado imprime à paisagem certas marcas humanas e estas marcas o tornam um agente digno de ser considerado geograficamente.

Em Santa Catarina, no planalto de São Joaquim, o agregado, segundo observou VÍTOR A. PELUSO JÚNIOR, é o operário da fazenda pastoril. Trabalha sobretudo com o gado. Apenas recebe salário quando executa serviço diferente para o proprietário. Sua existência, em Santa Catarina, é uma reminiscência da ocupação paulista na região pastoril. Com a abolição da escravatura muitos pretos escravos, que permaneceram na fazenda, trabalhando, foram elevados à condição de agregados. Por tal motivo, hoje, lá se observa uma inversão na diferença racial outrora existente entre os membros componentes do domínio fazendeiro. Agora, os proprietários continuam sendo brancos, mas os agregados são mestiços e pretos. O tipo clássico sofreu, portanto, uma adaptação regional decorrente de circunstâncias geográficas, históricas e econômicas. Muitas características primitivas permanecem, contudo. O agregado mora perto da casa do fazendeiro. Além de movimentar as tropas de mulas que vão às praças distantes do litoral, ainda dispõe de tempo suficiente para lavar a terra por conta própria. "Esse uso da terra — explica PELUSO JÚNIOR — aliás, constitui uma forma de pagamento que lhe faz o fazendeiro, em recompensa do trabalho com o gado. O agregado, porém, ligado tradicionalmente à exploração pastoril, faz como os patrões, plantando quase que exclusivamente para consumo". — Ao lado, PERCY LAU reproduziu um desenho de FÉRICLES focalizando esse tipo de agregado existente no planalto de S. Joaquim, em Santa Catarina.



PERCY LAU

Transformações curiosas no sistema dos agregados rurais verificaram-se outrossim na área do atual município de Cunha, Estado de São Paulo. Estudando o povoamento no referido município, MÁRIO WAGNER VIEIRA DA CUNHA observou que, aí, os agregados, em sua forma primitiva, eram os "crias da casa", os "parentes pobres", os quais ocupavam posição intermediária entre o escravo e o grupo de pais e filhos. Prestavam serviços contínuos à fazenda, obedientes que eram à sua obrigação moral para com o proprietário. Sob a influência dos chamados "moradores", isto é, outra classe rural sujeita apenas a uma prestação intermitente de trabalhos, o tipo primitivo de agregados sofreu uma transformação inicial. Com efeito, nos começos do presente século, devido ao caráter do mesmo modo intermitente, do trabalho agrícola, o antigo "morador de favor" passou a ser também denominado agregado. O termo tornou-se assim muito mais amplo porque serviu para designar não apenas os "crias da casa" e os "parentes pobres", mas todos aqueles que moravam de favor nas terras de outrem, sujeitos, não obstante, à obrigação de prestarem serviços aos respectivos proprietários das terras. O caráter familiar do regime de agregação rompeu-se, então, daí por diante, facultando a muitos estranhos a faculdade de se tornarem agregados. Segundo a interpretação de MÁRIO WAGNER, a transformação foi facilitada pela decadência econômica da região, que trouxe no bôjo menor necessidade de braços pelo nas terras contíguas à sede da fazenda. Os agregados que viviam no interior da referida sede, tiveram naturalmente dificuldades para se manter e, em vista disso, os proprietários acharam ser conveniente permitir que os mesmos se fixassem fora da sede afim de facilitar-lhes a manutenção por conta própria. Por outro lado, a partir da abolição, o tipo do agregado passa a se revestir de novos aspectos, a enfeixar mais outras características como as de trabalhador assalariado e as de meeiro. "Tem sua roça — escreveu MÁRIO WAGNER — mas deve abandoná-la para cuidar da do patrão e ganha por este serviço um salário, a seco, ou a molhado, mas somente quando trabalha. Importa notar que a figura do assalariado domina sobre a do meeiro. A forma rudimentar de exploração da terra não prende a ela o agregado, que está sempre pronto a abandonar sua casa de pau-a-pique e sua roça de milho para ir residir onde encontre melhores salários. O patrão também vê no agregado menos o meeiro e mais o empregado. Fã-lo abandonar a sua roça sem atender em nada ao prejuízo que daí advenha. Se bem que com menor frequência do que outrora, abre mão do que poderia exigir das colheitas pois o interessa, antes de tudo, para quando dêle precise. Vê nessa permissão que dá ao agregado de morar de favor nas suas terras, em grande extensão inexploradas, a vantagem de não precisar sustentá-lo".

Nas fazendas de criação e usinas dos pantanais matogrossenses, o agregado costuma ter o direito de criar algumas cabeças de gado e pode fazer pequenas roças independentemente da obrigação de auxiliar os trabalhos principais do senhorio quando necessários. Nos estabelecimentos pastoris, participa de quase todos os trabalhos mais propriamente afetos aos vaqueiros. "Isentos de obrigações contínuas, — escreveu VIRGÍLIO CORREIA FILHO — poderão aplicar a sua atividade como lhes aprouver, inclusive de maneira que obtenham produtos de plantações reduzidas ou de indústrias domésticas, de valor comercial, como artefatos de corveia, de sola, peles de animais caçados, de cuja compra toca a preferência ao seu chefe. Fora dos compromissos periódicos, vivem em relativa independência, ao contrário dos camaradas, a quem cabe o quinhão maior nos campeios e demais diligências, que se intensificam nas estiagens até o começo das águas".

Em certos municípios de Minas Gerais, sobretudo, nos que se encontram entre Belo Horizonte e o rio Paranaíba, o termo agregado costuma ter uma diferente acepção. Em Carmo do Paranaíba, por exemplo, o termo agregado é reservado ao arrendatário que reside na fazenda, chamando-se arrendista o que vive fora da mesma. Já nos municípios do sul de Minas, na área de Lavras, por exemplo, o termo conserva o seu significado tradicional. O agregado não é um arrendatário, mas um ocupante de propriedade alheia morando na sede da mesma.

Ao tratar dos tipos rurais encontrados na bacia do médio São Francisco, JORGE ZARUR referiu-se ao agregado como um dêles. Nesta parte do Estado da Bahia, o agregado vive num terreno considerado parte do domínio fazendeiro. Dedicar-se de preferência aos trabalhos da lavoura e sua situação econômica ordinariamente é bastante precária.

Em Goiás, como na Bahia, as fazendas têm geralmente agregados que somente cuidam da lavoura. As do município de Luziânia, por exemplo, apenas possuem agregados dêsse tipo. Muitas vezes, a função é exercida por baianos como sucede em Planaltina. Talvez por influência do oeste mineiro, o agregado em Luziânia é um tipo de agricultor que pode arrendar a terra para trabalhar.

Ainda que vivendo na fazenda sem adquirir pela residência qualquer direito sobre o solo, o modo de existência do agregado na propriedade do senhorio implica uma relação necessária entre êle e o substrato territorial. É precisamente a consideração dêsse liame territorial como diria DEMANGEON, que faz do agregado um tipo de geografia humana, além de ser uma personagem que reúne em si caracteres especiais que tão bem se enquadram nos estudos da sociologia. Se o solo é o fundamento de toda a sociedade, na estruturação do domínio fazendeiro, a utilização de um mesmo território contribuiu para criar entre agregados e proprietários, uma solidariedade social apesar da diferença de sangue, de força e das desigualdades econômicas. O próprio caráter da vida patriarcal que, muitas vezes, se encontra nas fazendas distantes do interior, é um resultado da natureza da amizade que une agregados e patrões. Mas é fora de dúvida que, entre ambos, essa amizade cresce e se fortalece sob o denominador comum da terra dadivosa onde vivem juntos e trabalham.

JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA